

CEGUEIRA MORAL PERANTE A MIGRAÇÃO INTERNACIONAL

MORAL BLINDNESS TOWARD INTERNATIONAL MIGRATION

Maria Beatriz Souza Martínez ¹[0000-0003-4497-2672]

Márcia Maria de Oliveira ¹[0000-0001-5511-0942]

¹ Universidade Federal de Roraima (UFRR)

beatrizsouzamartinez@gmail.com, marcia.oliveira@ufrr.br

Resumo. Com a globalização e o crescente número de conflitos e insegurança em diversas partes do mundo. Exemplo disso são os migrantes sírios que buscam adentrar na Europa e venezuelanos dispersos por várias regiões na América do Sul. Entretanto, tais deslocamentos e a chegada ao local de destino não ocorre facilmente, os migrantes se tornam um grupo vulnerável, muitas vezes sendo alvo de xenofobia, racismo e intolerância. Muitos desses migrantes habitam em locais precários, com falta de condições básicas, sem alimentação e higiene. Não obstante a situação pela qual se encontrem, a sociedade por diversas vezes olha a situação do sujeito migrante com indiferença, aludindo ao que Bauman refere-se como “cegueira moral” e as ideias de banalização e coerência do ser humano da filósofa Hannah Arendt. Esta situação leva à necessidade de pesquisas críticas que levem em consideração a representação marginal do migrante e a sociedade civil. O trabalho busca analisar de forma crítica o comportamento da sociedade perante a realidade migratória, contextualizando com tal realidade e contribuindo com reflexões sobre a situação em questão. O método utilizado foi revisão bibliográfica, pesquisa descritiva e qualitativa. O trabalho tem como orientação teórica e referências autores da área da sociologia, destacando Hannah Arendt e Bauman, buscando-se diálogos entre os mesmos.

Palavras-chave: Migração; Sociedade; Sociologia; Relações Internacionais

Abstract. With globalization and the growing number of conflicts and insecurity in various parts of the world. Examples include Syrian migrants seeking to enter Europe and Venezuelans dispersed across several regions of South America. However, these displacements and arrival at the destination do not occur easily; migrants become a vulnerable group, often targeted by xenophobia, racism, and intolerance. Many of these migrants live in precarious places, lacking basic conditions, food, and hygiene. Despite the situation in which they find themselves, society often regards the migrant subject's circumstances with indifference, evoking what Bauman calls "moral blindness" and philosopher

Hannah Arendt's ideas about the banalization and coherence of the human being. This situation creates a need for critical research that takes into account the marginal representation of migrants and civil society. The study seeks to critically analyze society's behavior in the face of migratory reality, contextualizing it within that reality and contributing reflections on the situation in question. The method used was a literature review and descriptive, qualitative research. The study is theoretically guided by and references authors in the field of sociology, notably Hannah Arendt and Bauman, seeking dialogues between them.

Keywords: Migration; Society; Sociology; International Relations

As migrações internacionais tem alcançado uma enorme dimensão no atual momento de globalização, neste período a migração tem se diversificado e se tornado mais complexa, constituindo-se um tema de grande interesse e relevância política. A temática migratória tornou-se matéria em diversos jornais e agendas políticas pelo mundo, incluindo o Brasil e a Europa. Essas notícias geraram um grande “pânico moral” no mundo, ou seja, um receio de que essa vinda de pessoas traga consigo algum mal que ameace o bem-estar da sociedade. Os migrantes e refugiados da África e Ásia geram o temor da privação da identidade historicamente construída da Europa, enquanto os muçulmanos representam uma ameaça ao legado do cristianismo aos direitos e liberdades fundamentais (BAUMAN, 2017).

Esses indivíduos deslocaram-se fugindo de condições como guerras, despotismos, violência, falta de condições básicas e de perspectivas de vida. A brutalidade de conflitos como o da Síria, Iraque, Sudão e Afeganistão, o desrespeito ao direito internacional e a grave e generalizada violação de direitos humanos na Venezuela se constituíram como indicativos de que as pessoas fugiriam dessa condição. Por outro lado, Sassen (2016) considera a migração como um componente da globalização e da desigualdade econômica consequente do capitalismo e da ordem econômica vigente, levando a uma situação pela qual eles não têm outra opção salvo deslocar-se. Assim, os fatores externos, bem como os internos, também influem para a movimentação de pessoas.

As notícias sobre a migração resultam de narrativas criadas por meio de uma lógica e estrutura de escolhas discursivas, essa lógica é frequentemente sustentada por ideias estereotipadas das outras culturas, banalizando-as, como por exemplo, a ideia de que “todo árabe é terrorista”. Para Bauman (2017) eles são vistos pela sociedade como “estranhos” e tendem a causar ansiedade por serem diferentes, podendo modificar o estilo de vida tradicional e por ser uma situação a qual não controlamos. Desta forma, a chegada de migrantes acarretou o aumento da xenofobia, do racismo e do nacionalismo, o que vem refletindo nas eleições e no cenário político atual. Vigiar as fronteiras tornou-se essencial para fortalecer e consolidar a hegemonia do Estado. Os direitos do migrante, sua liberdade de ir e vir, são vistos como um choque contra a soberania nacional e o domínio territorial.

Enquanto isso, os migrantes passam por situações deploráveis, com crianças morrendo afogadas, cercas de arame farpado sendo construídas e habitações superlotadas. Em 2015, a fotografia de Aylan Kurdi, um garoto sírio de três anos de idade, falecido na costa da Turquia expôs ao mundo essa realidade. Vários desses migrantes vivem em campos de refugiados e locais de detenção sem condições básicas, os quais restringem

os direitos, liberdade e autonomia, dos indivíduos, como é o caso da detenção de crianças mexicanas nos Estados Unidos. Para a aumentar a lucratividade empresarial e economizar os custos, tornou-se comum a prática de explorar a vinda da mão-de-obra migrante, com longas e exaltantes jornadas de trabalho, enquanto recebem salários irrisórios.

Essa situação leva-nos a refletir sobre questões morais e fundamentais acerca da degradação da dignidade humana. A representação marginal do migrante o descumprimento de seus direitos civis, sociais e trabalhistas gera a necessidade de uma pesquisa crítica, a qual considere e analise a situação migratória juntamente ao comportamento da sociedade civil. Além disso, a experiência política do século XX com o advento do totalitarismo e suas consequências gerou a necessidade reavaliar a ação humana na história, a medida que revelou novas figurações do homem (PAREKH, 2016; ARENDT, 2016).

Ao ver o migrante como alguém “estranho” e exótico, a sociedade passa a tratá-lo com indiferença e insensibilidade, sem levar em consideração as condições precárias e o sofrimento alheio. Bauman (2014) afirma que o “mal” não se resume ao totalitarismo, mas está presente em ações cotidianas do ser humano:

“O mal não está confinado às guerras ou às ideologias totalitárias. Hoje ele se revela com mais frequência quando deixamos de reagir ao sofrimento de outra pessoa, quando nos recusamos a compreender os outros, quando somos insensíveis e evitamos o olhar ético silencioso” (BAUMAN, 2014, p. 12).

Além disso, esse “mal” se apresenta de uma maneira não evidente, invisível e dispersa, à espreita de cada ser humano normal e saudável. Esta situação acarreta uma “cegueira moral”, através da qual nossa própria projeção ideológica baseia-se em afirmações e conceitos considerados convenientes, ao mesmo tempo em que cria uma falsa realidade. Para Hannah Arendt, o “novo mal”, a “banalidade do mal”, é a superficialidade, ameaça que permanece na incapacidade da reflexão e do discernimento do certo e do errado. Sua manifestação não almeja o domínio opressor do homem, mas sim um sistema em que os homens tornam-se supérfluos, desprovidos de sua individualidade e espontaneidade, ameaçando a dignidade humana (ARENDT, 2016).

O termo “banalidade do mal” surge devido ao fenômeno da sociedade normalizar ações, atitudes e atos rotineiros os quais não deveriam ser tratados com naturalidade, devido ao seu caráter desumano e agressivo, como ocorreu com a morte de judeus durante o Holocausto e de negros no período da escravidão. Essa ação é considerada como natural, não colaborando para mudar a realidade. Com base na análise comportamental de Adolf Eichmann, ex-membro do partido nazista, Arendt concluiu que o indivíduo não tratava-se de um “monstro”, mas de um banal burocrata testemunho da normalidade. Eichmann segue o padrão “cidadão das sociedades burocráticas”, o qual age conforme ordens, obedece cegamente e não pensa por si, suprimindo a espontaneidade de pensamento.

O nazista mostrou-se desprovido de grande maldade ou peculiaridade, a não ser por um “vazio de pensamento”. Esta perda de consciência resulta na tragédia, podendo levar a desvalorizar e difamar outros indivíduos, como migrantes e judeus. A insensibilidade e perda de consciência levou a sociedade alemã a normalizar a violência e discriminação resultantes do nazismo, a qual levou à morte de milhares de judeus durante o Holocausto (ARENDT, 1999).

1 Considerações finais

A “cegueira moral” e a “banalidade do mal” não se limitam ao período nazista e ao século XX, sendo de grande relevância para compreender a atualidade, em especial a realidade de diversos migrantes ao redor do mundo. O mundo vivencia o drama humanitário, mas ninguém assume a responsabilidade, o ser humano perdeu o senso de responsabilidade perante o próximo. Por diversas vezes, a sociedade atual age evitando e tirando de si a responsabilidade de questões sérias como os problemas sofridos pelos migrantes, os quais diariamente sofrem, devido à xenofobia, violação de direitos, falta de condições básicas de vivência, salários pomenorizados, dentre outras coisas. O individualismo insensibiliza a luta e as dificuldades das outras pessoas, fazendo-se viver como se estivessem isolados.

Ao ignorar uma série de abusos em relações aos demais, pois não se veem como culpados, aceita-se e dá-se continuidade a situações que deveriam ter um fim. A sociedade individualizada estimula os indivíduos a agirem conforme seus temores e inseguranças diárias. Neste contexto, tenta-se viver no isolamento, ao qual se conecta a apatia e falta de solidariedade. A insegurança e os preconceitos diários levam a situações desde comentários indevidos a episódios de violência e hostilidade. Isso reflete-se em ações cotidianas, como o discurso de ódio na internet, local visto como uma zona de confronto onde tudo é permitido e a pessoa pode apagar seu comentário para “deletar” a controvérsia.

2 REFERÊNCIAS

1. ARENDT, Hannah. A Condição Humana. Forense Universitária. 2016.
2. ARENDT, Hannah. Eichmann em Jerusalém: Um Relato Sobre a Banalidade do Mal. Companhia das Letras. 1999.
3. ARENDT, Hannah. Origens do Totalitarismo. Companhia de Bolso. 2013.
4. BAUMAN, Zygmung. Cegueira Moral: A Perda da Sensibilidade da Modernidade Liquidada. Zahar. 2014.
5. BAUMAN, Zygmunt. Estranhos à nossa porta. Zahar. Rio de Janeiro. 2017.
6. PAREKH. Serena. Refugees and the Ethics of Forced Displacement (Routledge Research in Applied Ethics Book 2) (English Edition). Routledge. 2016.
7. SASSEN, Saskia. Três Migrações Emergentes: Uma Mudança Histórica. Sur - Revista Internacional de Direitos Humanos. Dossiê Sur Sobre Migração e Direitos Humanos. 2016.